

Educação além das salas de aula, a Pedagogia Hospitalar – O caso Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG/UFRJ

Education beyond the classrooms of Pedagogia Hospitalar - The case of the Institute of Child Care and Pediatrics Martagão Gesteira - IPPMG / UFRJ

Selene de Sousa Vaz¹

Resumo

O objetivo do presente estudo é demonstrar a importância da Pedagogia Hospitalar para a criança enferma e com internação prolongada – o caso IPPMG/UFRJ. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico e análise de documentos. O estudo adquire extrema relevância quando se propõe a disseminar o tema educação hospitalar, uma vez que muitos o desconhecem, inclusive sua previsão legal nas diretrizes educacionais. O estudo apresentou o caso IPPMG/UFRJ cuja classe hospitalar se insere no Programa Humanização, e concluiu que de acordo com relato do coordenador do projeto, existe a percepção de que os eventos promovidos nas classes hospitalares auxiliam em muito o tratamento das crianças pois reflete positivamente no emocional das mesmas, impactando no resultado do tratamento.

Palavras-chave: Educação, Classe hospitalar, IPPMG/UFRJ.

Abstract.

The main goal of this study is to demonstrate the importance of Hospital Pedagogy for the sick and hospitalized children (study carried out at IPPMG / UFRJ). For this, a bibliographic study and document analysis was carried out. The study acquires relevance when it proposes to disseminate the theme Hospital Education, since, this is a subject little discussed. Few people know of their legal prediction in education guidelines. The study presented the case IPPMG / UFRJ, whose Hospital Class is inserted in the Humanization Program. According to the report of the Project coordinator, the events promoted in the hospital classes (mainly for children), greatly aid the treatment. And it was concluded that the events reflected positively on the emotional of all, impacting on the result of the treatment.

Key words: Education, Hospital class, IPPMG/UFRJ.

¹ Secretária Executiva na Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1987, lotada na Divisão de Recursos Humanos/Setor de Sindicância do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho - HUCFF.

1. Introdução

Assumindo que a educação acontece nos diversos espaços sociais, e a partir do momento em que o indivíduo se insere na sociedade, de alguma forma ele terá acesso a algum tipo de educação. Seja no ambiente familiar, religioso, nos clubes ou na escola, é possível conceber a educação de forma ainda mais ampla abrangendo um público que se encontra em condições de acometimento de doenças.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo demonstrar a importância da Pedagogia Hospitalar para a criança enferma e com internação prolongada – o caso Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira/IPPMG/UFRJ. Para tanto, faz-se necessário apresentar breves conceitos acerca dessa modalidade de educação, bem como a legislação que a sustenta, e ainda, quem são os profissionais que atuam nas unidades hospitalares.

O presente estudo se justifica já se trata de uma modalidade educacional pouco difundida e muitos dos sujeitos inseridos nessa realidade desconhecem a educação hospitalar tanto como um direito, desconhecendo também sua eficácia. Em relação aos métodos aplicados nesse estudo, optou-se por revisão bibliográfica e também por levantamentos quali-quantitativos.

2. A Pedagogia Hospitalar – Alguns conceitos

Para melhor expor o que consideramos como conceito de pedagogia hospitalar, iniciamos por apresentar a priori alguns conceitos inerentes ao tema, por julgarmos imprescindíveis para uma melhor compreensão acerca do mesmo.

Antes, porém, vale destacar que Zacharias (2007), fortemente embasado por Paulo Freire, conceitua a educação como ideológica e dialogante, na qual, deve ocorrer a comunicação entre os indivíduos uma vez que estes são constituídos de desejos, sentimentos, e alma. Assim, a concepção de educação para Freire é a de autonomia, na qual esses desejos e sentimentos sejam considerados.

Portanto, se a educação supõe respeito aos desejos e sentimentos, ela deve acontecer pautada também pelo respeito ao estado físico e emocional do educando, inclusive o aluno, mesmo em condições adversas ao seu estado de saúde, tem direito assegurado à continuidade de seus estudos.

Frente a essa perspectiva, Grizente (2003, p. 7), assinala que “o ambiente escolar constitui um espaço que ainda hoje tem o rótulo de ser exclusivo dos profissionais de saúde, o que aliás, é o que nos diz o senso comum.” Assim, inicialmente, não se concebe o hospital como um ambiente escolar, mas, tomando como base a Constituição brasileira que determina a educação como dever de todos, entende-se que a pessoa hospitalizada, principalmente as crianças em idade escolar, devam ter o direito à continuidade de seus estudos regulares. É sob a perspectiva da educação enquanto direito que emerge a educação hospitalar bem como demais modalidades através da complexificação do tema do direito à educação. Destacamos o que nos aponta o artigo 205 da Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com o objetivo de garantir o acesso obrigatório à educação escolar, destacamos que a educação deva ocorrer também nos espaços hospitalares, os quais recebam alunos que por determinado tempo estejam impossibilitados de frequentar regularmente suas escolas regulares.

Além disso, de acordo com o art. 4.2 do Parecer de Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica (CNE/CEB) nº 17/2001 (BRASIL, 2001):

O atendimento educacional especializado pode ocorrer fora de espaço escolar, sendo, nesses casos, certificada a frequência do aluno mediante relatório do professor que o atende: a) Classe hospitalar: serviço destinado a prover, mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial. (BRASIL, 2001 p. 24).

O referido parecer do Conselho Nacional de Educação cita a educação hospitalar como uma possibilidade real para oferecer ao aluno a possibilidade de estudar enquanto permanecer internado em um hospital. Além disso, se refere a um atendimento especializado, fato este, que Grizente (2003), chama a atenção sobre o que significa, em última análise, esse atendimento especializado ao qual nos referimos. A autora indaga como se dá o processo de ensino aprendizagem que acontece dentro de uma unidade hospitalar, local no qual o aluno é acometido por uma doença grave e que requer uma internação prolongada.

Acredita-se que este deve ser um processo no qual deve haver a integração de um conjunto de atores e fatores, envolvendo a escola, os profissionais, a unidade hospitalar, seus profissionais, além de obviamente o aluno/paciente.

Além disso, o referido parecer mencionado anteriormente, cita também a possibilidade de o aluno estudar em seu domicílio:

[...]b) ambiente domiciliar: serviço destinado a viabilizar, mediante atendimento especializado, a educação escolar de alunos que estejam impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001 p. 24).

Portanto, os objetivos das classes hospitalares e do atendimento em ambiente domiciliar são os de proporcionar ao aluno matriculado na educação básica a continuidade do processo de aprendizagem, colaborando para que não haja descontinuidade drástica nas atividades escolares, bem como colaborando com o retorno e reintegração à escola.

A partir dessas orientações legais, emergiram outras diversas. De acordo com Behrens (2010), as legislações vigentes que amparam e legitimam o direito à educação de alunos internados são: (a) Constituição Federal/88, art. 205 (BRASIL, 1988); (b) Lei nº. 6.202, de 17/04/75 (BRASIL, 1975); (c) Lei nº 8.069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990); (d) Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996); (e) Decreto Lei nº. 1044/69 (BRASIL, 1969); (f) Resolução nº 41/95, cria o Conselho Nacional de Defesa dos direitos Da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1995); (g) Resolução CNE/CEB nº. 02/01; (h) Deliberação CEE/RJ nº 02/03 (RIO DE JANEIRO, 2003); (i) Documento intitulado Classe Hospitalar e atendimento Pedagógico domiciliar: estratégias e orientações, editado pelo MEC, em 2002. (Behrens, 2010. P. 25).

Esse contexto legal respalda o direito à educação hospitalar, porém, vale destacar que independente do que consta na lei, é necessário entender que cada caso apresenta particularidades individuais, pois a doença é um estado de caráter específico. Na maioria das vezes, se instala no indivíduo de forma repentina, e para a qual, não se pode a priori, estar preparado.

Tal perspectiva, supõe dizer que o trabalho pedagógico realizado nas instituições de saúde se diferencia daquele apresentado intramuros escolares, e apresenta distintas conexões de atuação. Vale assinalar também, que a educação

hospitalar está sujeita a interferências de outros meios, pois depende de fatores tais como, ambiente favorável para sua realização, e estado de saúde do aluno.

Por isso, as classes hospitalares devem estar especialmente preparadas para receber os alunos, o que de acordo com o Ministério da Educação (MEC):

Os ambientes serão projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas. (BRASIL, 2002 p. 15)

Dessa forma, o MEC delibera as condições para que efetivamente, as práticas educacionais hospitalares aconteçam, respeitando as necessidades e eventuais limitações dos alunos.

O Ministério faz recomendações sobre o espaço adequado também acerca do atendimento propriamente dito, facilitando para que ocorra na enfermaria, no leito ou até no quarto de isolamento, desde que as condições clínicas e de tratamento assim requeiram.

Assim como a escola, a unidade hospitalar também poderá solicitar atendimento pedagógico, mas para isso, o hospital deverá tomar algumas providências tais como “deverá ser organizada uma sala específica da classe hospitalar ou utilizar-se os espaços para atendimento educacional” (BRASIL, 2002, p.15).

Os professores que atuam nessas classes, são de suma importância, pois além de suas ocupações costumeiras em ambiente escolar, devem ter formação específica em educação especial. Além disso:

O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças. O contato com o professor e com uma “escola no hospital” funciona, de modo importante, como uma oportunidade de ligação com os padrões da vida cotidiana comum das crianças, como ligação com a vida em casa e na escola. A educação no hospital integraliza o atendimento pediátrico que tornam peculiar o desenvolvimento da criança.” (CECCIM, 1999, p. 43).

Dessa forma, a formação do profissional que atuará em ambiente hospitalar transcende aos conhecimentos técnicos das disciplinas a serem lecionadas, uma vez que esse professor lida com situações inerentes a outros aspectos da vida escolar de um aluno. E, assim, precisa ser um profissional capaz de entender as especificidades

que envolvem uma criança hospitalizada, bem como conhecer seu histórico de vida, familiar e escolar. Nesse sentido, a formação deve ser estruturada à luz do processo de humanização da saúde e do direito à educação para todos. O Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001) assinala que o trabalho em classe hospitalar deve ser realizado por pedagogos com habilitação em educação especial.

O documento do Ministério da Educação, intitulado “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações” (BRASIL, 2002), preconiza que o professor:

[...] deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. Compete ao professor adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia a dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido. (BRASIL, 2002, p.22).

Ou seja, o professor deve possuir um conjunto de habilidades e competências que muitas vezes pode transcender até mesmo a sua formação acadêmica. E nesse sentido, Oliveira (2013, p. 11) esclarece:

O profissional em atuação como professor no ambiente hospitalar ou domiciliar seja funcionário concursado e aprovado pelo órgão de educação que, tenha firmado um convênio com o hospital ou o órgão de saúde e encaminha seus professores para que eles cumpram suas funções de ensino no ambiente hospitalar.

Portanto, os professores que atuam em ambiente hospitalar, são, via de regra, oriundos das respectivas secretarias de educação municipal de sua respectiva cidade.

Segundo o MEC (BRASIL, 2002), as classes hospitalares devem disponibilizar mídias eletrônicas e:

recursos audiovisuais, como computador em rede, televisão, videocassete, máquina fotográfica, filmadora, videokê, antena parabólica digital e aparelho de som com CD e k7, bem como telefone, com chamada a ramal e linha externa. (BRASIL, 2002 p. 16).

A utilização desses recursos se faz necessária tanto para o processo de planejamento, desenvolvimento e avaliação das classes hospitalares, quanto para a efetiva prática pedagógica e a integração do aluno com a sua escola de origem. Vale acrescentar ainda que esses recursos podem também viabilizar as condições, por mínimas que sejam, para que o aluno mantenha contato com os demais atores sociais envolvidos com seu processo de ensino aprendizagem regular.

Para dar continuidade a esse processo de contato com a escola no ambiente hospitalar, Oliveira (2008) ressalta a importância da ludicidade nas atividades pedagógicas, pois a criança ou o adolescente se encontra diante de uma situação de hospitalização caracterizada apenas de procedimentos ligados ao tratamento, podendo representar um ambiente desgastante para a criança.

Diante disso, as intervenções pedagógicas bem como a inserção de atividades de forma lúdica auxiliam essas crianças a compreenderem e aceitar os fatos e a realidade que não pode ser mudada, quando for o caso.

3. Ludicidade e Classes hospitalares

As consequências de uma internação hospitalar de uma criança transcende ao fato de se tratar apenas a doença. Pois geralmente, altera a rotina de toda a família, causando situação de estresse para todos. Assim, a ludicidade surge como uma forma de amenizar esse estresse tanto da criança quanto da família.

A internação num hospital, além de provocar uma interrupção na rotina de vida da criança, favorece a sua insegurança porque a priva de seus parentes, amigos, seus brinquedos e tudo o que lhe é familiar. Ela fica, portanto, sujeita a deixar-se envolver pelo pânico ou pela tristeza, o que certamente dificultará tanto a aceitação do tratamento como a sua recuperação. (CUNHA, 2007. p. 94).

Isto significa dizer que um episódio de internação tem impactos negativos na criança sob todos os aspectos pois, além do sofrimento provocado pela doença, ela é obrigada a se privar da sua rotina e das atividades corriqueiras da sua vida, como a escola e suas brincadeiras.

O contato com a ludicidade e os benefícios dessas atividades no espaço hospitalar amenizam os conflitos emocionais causados pelos procedimentos hospitalares envolvidos no tratamento das enfermidades, assim, aproxima o indivíduo acometido por doença de seu mundo e sua realidade enquanto criança.

A ludicidade envolve também a equipe hospitalar pois, auxilia no tratamento da criança. O efeito é de descontração e amenização da tensão, o que conseqüentemente interfere no tempo de internação, já que afeta o estado emocional da criança, facilitando o trabalho da equipe hospitalar. Além disso, cria e fortalece as relações humanas, uma vez que os aspectos lúdicos nas classes hospitalares envolvem todos que se encontram em volta da criança internada (OLIVEIRA, 2008).

A ludicidade se apresenta de forma tão impactante nos episódios de adoecimento e internações hospitalares das crianças que muitas unidades criaram um espaço denominado Brinquedoteca.

Elencaremos neste trabalho, alguns dos objetivos da Brinquedoteca. O primeiro deles é Preparar a criança para as situações novas que irá enfrentar. Através de brincadeiras a criança toma conhecimento da rotina no hospital bem como a respeito do tratamento que irá enfrentar. Dessa forma, ela deve ser estimulada a questionar situações sobre seu estado e tratamento, amenizando assim, seus medos.

Em seguida, destacamos a importância da criança preservar a sua saúde emocional. Através das atividades lúdicas, é possível proporcionar às crianças a oportunidade de brincar e interagir com outras crianças que se encontram na mesma situação de internação. E, dessa forma, as crianças possam se sentir mais confiantes quando hospitalizadas para tratamento. Tais atividades favorecem a evolução do tratamento no sentido de auxílio e superação diante dessa adversidade que envolve o tratamento das crianças dentro de um hospital.

A Brinquedoteca em espaços hospitalares também colabora para dar continuidade ao processo de estímulo de seu desenvolvimento. No ambiente hospitalar, as oportunidades de interação precisam ser estimuladas com incentivo adequado para que as crianças não sejam prejudicadas quando interrompidas suas atividades de desenvolvimento. Isto pode ocorrer diante de um longo período de internação exigido pelo tratamento.

Em quinto lugar, destacamos a importância de tornar o ambiente agradável. O resultado esperado é tornar o ambiente hospitalar mais descontraído para que, quando familiares e pessoas visitem essas crianças, possam sentir-se em um ambiente agradável. É sabido que um ambiente alegre distancia a condição de vítima em que se encontra a criança hospitalizada. Um jogo ou talvez um brinquedo muda esse cenário, além de facilitar o relacionamento entre visitas e a criança, transformando esse ambiente em um ambiente mais alegre.

Por último, e muito importante, é preparar a criança para a volta ao lar. Quando a criança permanece por um longo período de internação, muitas vezes necessita de ajuda para uma readaptação ao ambiente familiar. Em alguns casos, inclusive, a criança prefere permanecer no hospital a voltar para o lar. Os cuidados com alimentação e atenção recebida durante o período da internação são fatores que

contribuem para que a criança rompa com alguns vínculos do ambiente familiar, necessitando de ajuda para uma reintegração com o seu lar. (CUNHA, 2007).

A pedagogia hospitalar está inserida na modalidade de educação especial, e está sob as deliberações nacionais do MEC, também há deliberação sobre o tema da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, atualmente há convênios com 9 (nove) unidades de saúde, onde são ofertados esses espaços. Elencamos aqui as unidades conveniadas: (a) Instituto Nacional de Câncer (INCA); (b) Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti (HEMORIO); (c) Hospital Federal dos Servidores do Estado (HSE); (d) Hospital Municipal Jesus; (e) Instituto Nacional Fernandes Figueira (IFF); (f) Hospital Naval Marcílio Dias; (g) Hospital Federal de Bonsucesso; (h) Hospital Federal Cardoso Fontes; e (i) Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ)².

4. O Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira/IPPMG/UFRJ.

O IPPMG é uma unidade de ensino, pesquisa e extensão que compõe o complexo médico-hospitalar da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É referência no país em pediatria. Surgiu com a denominação inicial Instituto Nacional de Puericultura sendo criado em 13 de janeiro de 1937 por proposta do professor Joaquim Martagão Gesteira. E, em seguida, foi incorporado à então Universidade do Brasil³. Está localizado na cidade universitária, no município do Rio de Janeiro.

O IPPMG mantém atendimento mensal de dez mil crianças e adolescentes em regime ambulatorial. Além do atendimento a crianças internadas. A história do IPPMG é extensa e, atualmente, mantém diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Um dos programas de extensão mais conhecidos, que atrai estudantes dos mais diversos cursos da universidade é o Projeto Alunos contadores de história. Dito em poucas palavras, o projeto proporciona o contato de estudantes da UFRJ com crianças e adolescentes em situação de internação.

² Maiores informações sobre as instituições conveniadas podem ser encontradas através do link: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-especial>. Acesso em 10/08/2019.

³ A Universidade do Brasil foi o embrião do que hoje é a UFRJ.

4.1. A classe hospitalar do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira/IPPMG-UFRJ.

A classe hospitalar Martagão Gesteira iniciou suas atividades em 2003. Tal ação foi viabilizada por meio de convênio firmado entre a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, representada pelo Instituto Helena Antipoff, e o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ)⁴.

A partir desse convênio, o IPPMG passou a oferecer as modalidades de atendimento pedagógico em sala ambiente e leito. Esta iniciativa tem como base o reconhecimento de que a criança hospitalizada tem necessidades educativas especiais, durante o período de internação e também direitos de cidadania. A Resolução CNE/CEB nº 02/2001 dá respaldo a esses temas. Já o conteúdo pedagógico oferecido pelo hospital encontra-se sob as diretrizes e orientações curriculares indicadas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

O objetivo principal da classe hospitalar é assegurar às crianças e aos adolescentes hospitalizados o atendimento educacional num momento atípico de seu desenvolvimento. Esta importante ação pedagógica coaduna com ações voltadas a este aluno/paciente atendendo a legislação atual que prevê a valorização da educação, e ainda, privilegia ações positivas e construtivas no sentido de enfrentamento da situação de doença da criança. A proposta de atendimento visa: (a) oferecer um lugar acolhedor que devolva sua rotina anterior à internação; (b) contribuir para elevar a autoestima e acelerar o processo de alta hospitalar; (c) assegurar a continuidade do processo ensino- aprendizagem reduzindo os prejuízos, causados pelo afastamento de sua escola de origem, durante o período de internação⁵.

O público alvo é composto por crianças e adolescentes internados na Unidade de Pronto Internação (UPI) do IPPMG. Conta com alunos da educação infantil até o 9º ano escolar. A classe hospitalar dos alunos/pacientes da educação infantil atende as modalidades de creche e de pré-escola, utilizando critério de aproximação das idades para a entrada no ensino fundamental. São atendidos sempre no horário da tarde, após liberação médica, e respeitando os critérios da Portaria de Matrícula de Educação Especial/2014.

⁴ Para quem desejar conhecer mais sobre o IPPMG/UFRJ, bem como os atuais convênios, por favor acesse a página: www.ippmg.ufrj.br. Acesso em 10/08/2019.

⁵ Esse projeto pode ser conhecido em maiores detalhes através da página: <http://www.ippmg.ufrj.br/index.php/humanizacao/projetoshumanizacao>. Acesso em 10/08/2019.

O Núcleo de Humanização do IPPMG além de se dedicar ao trabalho nas classes hospitalares, busca proporcionar às crianças internadas conforto e bem-estar procurando não os distanciar de suas realidades e condições enquanto crianças. Um exemplo foi o evento realizado em dezembro de 2017 que buscou dar vida à fantasia de dezenas de crianças/pacientes, em maioria alunos da classe hospitalar:

Uma equipe de super-heróis pegou carona em um carro do Corpo de Bombeiros e, na quarta-feira, desembarcou em frente ao hospital, dando início a uma festa nunca antes vista na Unidade. Teve trilha sonora dos filmes, como ocorre nas histórias de ação e aventura, e até uma cena de cinema. (O GLOBO, 2017)

Figura 1 e 2 – Bombeiro vestido de homem aranha desce de rapel do alto do prédio



Foto: Divulgação/IPPMG

De acordo com a reportagem, o evento só foi possível porque contou com a parceria do corpo de bombeiros do estado do Rio de Janeiro:

Estávamos há um ano programando tudo, pedimos autorização para liberarmos uma ala e, no fim, deu tudo certo, e sem custos para o hospital - contou o psicólogo Alexandre Villarinho, diretor do Núcleo de Humanização, que recorreu a amigos para ter certeza que Homem-Aranha, Super-Homem, Mulher-Gato, o pirata Jack Sparrow e Thor estariam presentes ao evento. (O GLOBO, 2017).

A unidade mantém normalmente, um número que varia entre 50 a 70 crianças internadas, a maioria com doenças raras e vários tipos de câncer, o que muitas vezes, prolonga em muito as interações. Vale acrescentar que no dia da realização do evento, todas elas permaneceram monitoradas e medicadas. A equipe médica e de enfermagem esteve ao lado delas interruptamente para garantir o sucesso da iniciativa. O que não impediu que as crianças pudessem ter uma manhã mais livre, para brincar e sonhar.

Figura 2 – o personagem pirata Jack Sparrow com paciente



Foto: Divulgação/IPPMG

Segundo relato do idealizador do evento e coordenador do Projeto, em entrevista ao jornal acima citado, o resultado foi altamente positivo. Proporcionou às crianças momentos de euforia e sonho uma vez que essas crianças, via de regra, são oriundas de famílias muito pobres: “Com a sirene ligada, o carro vermelho da corporação chegou carregado de super-heróis e personagens que a garotada só vê na TV e nas revistas em quadrinhos.” (O GLOBO, 2017)

Figura 3 – os Super-heróis chegando ao hospital



Foto: Divulgação/IPPMG

Ainda de acordo com a reportagem citada, a gritaria das crianças diante dos personagens era contagiante. Os sorrisos e os pedidos para fotos ao lado dos super-heróis eram outra prova do sucesso⁶.

Conforme já assinalado, o IPPMG mantém diversos programas. Atualmente, o Núcleo de Humanização do IPPMG mantém 16 projetos voltados para a melhoria da qualidade da assistência, incluindo contação de histórias, biblioteca, cinema com a exibição de filmes infantis nas cortinas do hospital, e o programa Sonhando Juntos, que identifica crianças com sonhos possíveis, e em estágio avançado da doença, para realizar esse desejo.

⁶ E, como toda boa história atualmente tem spoiler - apesar de a festa já ter acabado, e com final feliz - aqui vai uma revelação dos bastidores: a comemoração contou com dois homens-aranha, o 2º tenente bombeiro Mateus Gouveia Avelino, que tem treinamento em rapel, e o ator Diego Bizzu, que encarnou o personagem dentro do hospital.

Figura 4 e 5 – homenagem ao dia do meio ambiente



Foto: Divulgação/IPPMG

As fotos acima, documentam mais uma comemoração realizada pelo Projeto Humanização da Instituição, que segue à risca o que determina os temas transversais constantes no currículo oficial da rede regular de Ensino. Villarinho, psicólogo coordenador do núcleo, afirma:

Nós da humanização acreditamos que essa atividade reconecta a criança novamente à natureza, possibilitando tratar a sua parte saudável, enquanto a medicina tradicional cuida de sua patologia. (O GLOBO, 2017)

4.2. Outras Classes Hospitalares

Além da classe hospitalar do IPPMG, vale destacar também a classe hospitalar que funciona no Instituto do Câncer no Rio de Janeiro (INCA). Na instituição, existem

três professores que atuam na classe hospitalar⁷. As aulas são realizadas na sala destinada para este fim, ou até mesmo no leito. Existe uma equipe multidisciplinar, na qual esses professores fazem parte. Quando iniciam as atividades recebem orientações dos demais membros da equipe.

A Classe Hospitalar INCA já acompanhou cerca de 900 crianças, desde a sua implantação em 2000. A participação dos pacientes em atividades pedagógicas contribui para a diminuição do estresse provocado pelo longo período de internação e revela que são capazes de aprender apesar da doença. (BRASIL, s/d)

Assim como na classe IPPMG, os alunos da classe INCA sentem-se acolhidos e dispostos para estudar, confiantes em seus potenciais. Estabelecem um contato proveitoso com o professor, o que permite estabelecer relações também com a vida fora do hospital.

De acordo com Ramos (2007), O Hospital Jesus localizado no Rio de Janeiro, também protagoniza uma história de sucesso em termos de classe hospitalar, inclusive sendo implantada ainda na década de 1960:

Em 1960, o então Diretor do Departamento de Educação Primária, Professor Álvaro Palmeira, exigiu a instalação de salas de aula para que o trabalho escolar pudesse ser desenvolvido em ambiente próprio, pois até então todo o trabalho era feito no leito. A Classe Hospitalar passa a ser uma Unidade Escolar (UE) com regime próprio: Classe em Cooperação Hospitalar Jesus. (RAMOS, 2007 p. 54)

Vale salientar que a classe JESUS permanece ativa até hoje, porém a autora lamenta que até nos dias atuais a classe seja tratada como um projeto: “Falar em Classe Hospitalar como um simples projeto é falta de informação/formação histórica. Não podemos dizer que um projeto existe há cinquenta e seis anos.” (RAMOS, 2007, p. 94).

5. Conclusões

A educação foi o tema instigador do presente estudo, mais especificamente, a educação hospitalar, que compõe a educação especial. Assim, o objetivo do presente estudo foi demonstrar a importância da pedagogia hospitalar para a criança enferma e com internação prolongada – o caso IPPMG/UFRJ.

⁷Maiores informações em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/classe_hospitalar_rosane.pdf.

Acreditamos ter atingido tal objetivo, uma vez que foi apurado que a instituição em questão é referência no Rio de Janeiro, e que, especificamente em relação ao tema estudado, o IPPMG/UFRJ, busca ao máximo o desenvolvimento e continuidade dos estudos das crianças, ela busca não distanciar a criança de sua realidade enquanto criança.

Para isso, por meio de seus projetos, procura fazer com que o sofrimento provocado pela doença seja minimizado. Inclusive proporcionando às crianças as comemorações e eventos que compõem os temas transversais que constam no currículo da educação regular, como é o caso das comemorações do Dia da Crianças, Natal, dia do Meio Ambiente, dentre outros.

De acordo com a entrevista do coordenador do projeto (O GLOBO, 2017), há comprovações concretas de que os eventos realizados pelo Projeto Humanização na Classe Hospitalar tem eficácia comprovada, auxiliando no tratamento das crianças. Provoca sensação de bem-estar, tem impacto positivo no emocional delas, o que reflete positivamente no tratamento.

6. Referências

- BEHRENS, M.A. Caminhos da escolarização hospitalar para uma visão de complexidade. In Matos, E.L.M. **Escolarização Hospitalar Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010
- BRASIL, Ministério da Educação (2015). **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília:MEC; SEESP.
- _____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Brasília, 2001
- _____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC; SEESP, 2002.
- CUNHA, N.H.S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**-4 ed. – São Paulo: Aquariana, 2007.
- GRIZENTE, I.N.P. **Os profissionais da Educação que atuam em unidades hospitalares – o pedagogo hospitalar**. Monografia Especialização em Psicopedagogia - UCAM – Projeto a vez do Mestre. 2003
- OLIVEIRA, V.B. O lúdico na realidade hospitalar. In Viegas, D. **brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. Ed. Wak, 2. Ed. 2008

OLIVEIRA, T.C. **Um breve histórico sobre as classes hospitalares no brasil e no mundo** – XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

Outras Fontes:

<http://www.ippmg.ufrj.br/index.php/humanizacao>.

<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-especial>.

<https://oglobo.globo.com/rio/homem-aranha-desce-de-rapelel-faz-festa-no-hospital-pediatrico-do-fundao-22165157>.